

Superar a China na América Latina é uma Alta Prioridade de Segurança Nacional

Uma Perspectiva de um Líder Sênior

BRIGADEIRO-GENERAL SEAN M. CHOQUETTE, USAF

AVIADORA CABO STEFFANIE G. URBANO, USAF

As nações parceiras da área de responsabilidade (AOR) do Comando Sul dos EUA (USSOUTHCOM) compartilham, em sua maioria, geografia, valores e alinhamento filosófico com nosso país; no entanto, elas também fornecem uma arena ativa para a competição entre os Estados Unidos e Estados atores maléficos como a China, Rússia e Irã. Na América Latina, os Estados Unidos da América enfrentam o que pode se tornar a maior rivalidade de sua história enquanto Pequim tenta suplantar a histórica agência hemisférica de Washington. Esta competição estratégica emergente exige mudanças fundamentais de política e estratégia, divergindo dos últimos 20 anos da guerra global ao terror, onde o pensamento e as operações eram centrados no terrorismo. A orientação provisória de segurança nacional de março de 2021 abordou essa nova realidade, proclamando que “as democracias em todo o mundo, incluindo a nossa própria, estão cada vez mais cercadas” enquanto “a distribuição do poder em todo o mundo está mudando, criando novas ameaças e a China, em particular, rapidamente se tornou mais assertiva.” Refletindo isso, a atualização da Estratégia Nacional de Segurança (NSS) deve fornecer a base para o aumento de recursos, financiamento e capacidades operacionais a fim de enfrentar essa competição estratégica onde ela está mais próxima de casa: em nossa vizinhança hemisférica.

O Comando da Força Aérea do Sul (AFSOUTH), como componente aéreo do USSOUTHCOM, dedica-se a aumentar a cooperação de segurança latino-americana em apoio à nova estratégia de defesa e estabelecer melhores parcerias de segurança, ao mesmo tempo em que fortalece as existentes. As parcerias militares dos EUA são críticas e têm fornecido muitas vezes estabilidade constante, forte e duradoura em toda a AOR, apesar da turbulência política. Para continuar essa tendência, e superar a ameaça crescente da República Popular da China (RPC), o AFSOUTH promoverá um engajamento ativo e responsivo que reflete abordagens militares e interagências e cumpre as metas dos EUA e dos parceiros para melhorar as relações e reduzir a influência da RPC.

A Crescente Tendência Global da China

Uma das principais estratégias de *soft power* (poder suave) da RPC é a melhoria da vantagem econômica na AOR através de sua *Iniciativa do Cinturão e Rota* (BRI siglas derivadas do inglês). A BRI é uma estratégia global de desenvolvimento de infraestrutura adotada pelo governo chinês em 2013 para investir em quase 70 países e organizações internacionais. Embora a BRI proporcione benefícios às nações latino-americanas por meio de investimentos e infraestrutura muito necessários, seus acordos de atendimento criam influência significativa e vantagens financeiras para a RPC. A BRI é uma das principais iscas da RPC para a diplomacia da armadilha da dívida.¹ Por meio de estipulações contratuais e cláusulas de confidencialidade que impedem os mutuários de revelar termos e condições dos contratos — ou mesmo a existência das dívidas² — a RPC obtém influência suficiente para manipular países incapazes de pagar seus empréstimos por meio de acordos de capital próprio.³ O Sri Lanka fornece um exemplo de precaução para a AOR, visto que teve que entregar um porto estratégico a Pequim em 2017 por não conseguir pagar sua dívida com empresas chinesas.

Apesar da ascensão da RPC através desse e de outros programas no hemisfério, ela enfrenta desafios nacionais e internacionais significativos. Como explicado por Hal Brands e Michael Beckley, a RPC enfrentará uma força de trabalho envelhecida e encolhida no futuro. Está se aproximando de um precipício demográfico: de 2020 a 2050, a RPC perderá 200 milhões de adultos em idade de trabalho (tamanho da população da Nigéria) e ganhará 200 milhões de idosos. As consequências serão devastadoras, pois as projeções atuais sugerem que os gastos médicos e previdenciários da RPC triplicarão de 10% para 30% de seu PIB até 2050 apenas para evitar que milhões de idosos morram de empobrecimento e negligência. A sustentabilidade futura da China é ainda mais limitada pelo esgotamento do fornecimento de energia e matérias-primas à medida que a RPC fica sem recursos. Já a água se tornou escassa, e o país está importando mais energia e alimentos do que qualquer outra nação, tendo devastado seus próprios recursos naturais.⁴

Perguntas sobre a capacidade de inovação, desigualdade e corrupção da RPC, riscos à estabilidade social e o meio ambiente, prevalecem à medida que o país se afasta do pacote de políticas que promovem o rápido crescimento. Sob o comando do Presidente chinês Xi Jinping, Pequim voltou para o totalitarismo. Xi nomeou-se “Presidente de tudo”, desmantelou o regime coletivo e fez a adesão ao “pensamento Xi Jinping”, o núcleo ideológico de um regime cada vez mais rígido. Na campanha anticorrupção de Xi Jinping (ou, mais precisamente, expurgo), que começou em 2012, cerca de 1,5 milhão de cidadãos do Partido Comunista Chinês, militares, empresas públicas e outros considerados contra a narrativa de Xi foram

mortos, presos ou removidos de seus empregos — todos sem um justo processo legal. Ele busca incansavelmente a centralização do poder em detrimento da prosperidade econômica. Empresas-zumbi estatais estão sendo apoiadas enquanto empresas “privadas” como Evergrande⁵ e Fantasia⁶ estão famintas de capital. A análise econômica objetiva está sendo substituída pela propaganda governamental. A inovação está se tornando mais difícil em um clima estupidificante de conformidade ideológica. O mundo está se tornando menos propício ao crescimento chinês sem esforço, e o regime de Xi enfrenta cada vez mais o tipo de cerco estratégico que uma vez levou os líderes imperiais alemães e japoneses ao desespero.⁷ À luz dessas pressões, a RPC poderia tentar usar a América Latina como alavanca ou um campo de encenação em um último esforço para manter o poder. Através de armadilhas de dívidas, ambiguidade contratual, a nova Lei de Defesa Nacional Chinesa⁸, ou outros meios maliciosos, a América Latina poderia se encontrar vítima de uma relação cada vez mais parasitária com a RPC.



Figura 1: Exemplos de Táticas Chinesas na América Latina

Fonte: Autores

Envolvimento dos EUA

Em Todo o Governo

O alto escalão dos militares do USSOUTHCOM alertou durante anos que a RPC está correndo para preencher o vácuo de poder na esteira do foco de Washington no Oriente Médio. A diminuição da atenção de Washington no hemisfério ocidental permitiu que Pequim apoiasse regimes antidemocráticos, como a Venezuela, fomentando a desordem e a agitação em toda a região.⁹ Para se contrapor a isso, os EUA devem definir padrões realistas e alcançáveis, pois não há como remover inteiramente a RPC da equação. Existem, no entanto, oportunidades para diminuir a influência chinesa e a probabilidade de nações latino-americanas e caribenhas ficarem sem outra escolha do que a opção chinesa. O conceito tem sido descrito por acadêmicos e economistas como “convivência competitiva”. Como em uma economia capitalista, os adversários interdependentes podem coexistir pacificamente aceitando a concorrência como uma maneira saudável de reforçar a inovação e eficiência. Isso poderia tanto desarmar tensões quanto fornecer uma narrativa internacional mais construtiva. Os países latino-americanos se beneficiariam economicamente e politicamente, pois seriam oferecidas opções de mercado versus opções orientadas por políticas focadas em suplantar outros países. Seria impraticável, e provavelmente prejudicial, remover inteiramente a RPC das esferas econômica e política da América Latina, mas uma relação americana melhorada e mais simbiótica reduziria a dependência global da América Latina das opções chinesas. Os EUA podem competir com a RPC trazendo à luz as práticas desonestas e ao mesmo tempo fornecendo melhores opções para satisfazer as necessidades da América Latina. Isso exige que os EUA antecipem as mensagens da RPC e conduzam a narrativa política. Hoje, a RPC é mais rápida, mais responsiva, ganhando a guerra da informação. Ela fornece soluções singulares para países sem outras opções.¹⁰ Se os EUA pudessem manifestar a mesma eficiência em apoio aos nossos aliados latino-americanos, poderiam tomar a vantagem e ganhar uma concorrência estratégica e controlada pela RPC para reforçar nossa reputação e influência na AOR.

Os EUA podem fornecer apoio e liderança mais holísticos, dentro da arena internacional para ajudar a América Latina a diminuir sua dependência da RPC. Isso inclui um dos mais importantes nexos políticos entre os EUA e a América Latina – a Organização dos Estados Americanos (OEA). Os pilares estratégicos da OEA refletem os imperativos dos EUA na região e destacam o desalinhamento da RPC com valores transamericanos de muita importância. Infelizmente, alguns países latino-americanos argumentam, apesar disso, que a OEA é uma das organizações mais negligenciadas pelos EUA.¹¹ Os EUA devem assegurar um envol-

vimento consistente e produtivo na OEA. À medida que a Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) – uma organização que exclui os EUA – aumenta sua influência, apoiar a OEA torna-se ainda mais vital. Se as nações latino-americanas achassem a OEA tendenciosa ou improdutivo, ou se as próximas eleições brasileiras e colombianas colocarem partidos no poder que não apoiem a OEA, a organização perderá relevância e a CELAC se tornará a principal assembleia Interlatino-americana. A RPC também está envolvida na CELAC, utilizando-a para difundir sua narrativa, enquanto a OEA é um investimento dos EUA na comunidade tendo um compromisso de longo prazo com a região. Da mesma forma, os EUA devem aproveitar o acordo Estados Unidos-México-Canadá (USMCA), a Aliança do Pacífico, o Mercado Comum do Sul (Mercosul), a Comunidade do Caribe (CARICOM), a Associação dos Estados do Caribe (ACS) e outras organizações de integração comercial e de intercâmbio para continuar a construir relações comerciais regionais significativas e especiais. Embora não seja um membro direto de tudo isso, os representantes comerciais dos EUA podem usar essas empresas regionais para ajudar a promover alianças comerciais mais profundas que estejam direcionadas nos déficits econômicos do hemisfério. Este ano, os EUA também vão sediar a Cúpula Triannual das Américas, proporcionando uma oportunidade para a atual administração enfatizar a resposta ao cenário econômico global, a fim de enfrentarmos desafios ambientais do século XXI, melhorar a inclusão social e desenvolver um novo diálogo sobre governança que abraça a diversidade da região, como recomendado por P.M. McKinley em seu artigo “The Case for a Positive U.S. Agenda with Latin America”.¹² Isso permitiria que as preocupações compartilhadas fossem tratadas com as prioridades da América Latina.

Há outras maneiras de os EUA mitigarem as questões apresentadas pela BRI da RPC, como o programa *America Crece* (Growth in the Americas)¹³, o programa *Better Utilization of Investment Leading to Development* (BUILD) e o *Build Back Better World* (B3W) do Grupo dos 7 (G7). O evento de lançamento do B3W está previsto para o início de 2022 e incluirá detalhes destinados a alocar US\$ 40 trilhões para projetos de infraestrutura nos próximos 14 anos.¹⁴ Ele fornece impacto sustentado como uma alternativa à BRI da RPC, pois se concentra em áreas como clima, saúde e tecnologia digital.¹⁵ Esses domínios abrangem o turismo, as preocupações socioeconômicas e o bem-estar dos cidadãos – todas as áreas que a RPC não está interessada em desenvolver. Por meio desse projeto, os países latino-americanos receberão produtos de maior qualidade do G7 e uma solução sustentável para suas necessidades. Além disso, para abordar as preocupações legais associadas à BRI, os EUA devem oferecer assessoria jurídica de terceiros ou estados neutros aos países latino-americanos no que diz respeito aos contratos estrangei-

ros. A revisão de terceiros (endossados pelos EUA ou não) sobre estipulações de lei contratual forçaria a transparência nas ações da RPC. Também protegeria os países latino-americanos de negociatas desonestas, permitindo que as nações latino-americanas venham a afirmar sua política externa em seus próprios termos.

Idealmente, essas iniciativas poderiam melhorar a parceria entre os EUA e a América Latina para suplantar a China como a base de fabricação preferida do mundo. Durante décadas, os EUA cederam grande parte de sua base fabril à RPC para aproveitar a oferta de mão-de-obra barata do país. O mundo está agora dependente da China em grande parte de sua cadeia de suprimentos global, representando uma ameaça militar significativa, pois a China poderia facilmente cortar recursos críticos de defesa. Raros materiais terrestres, como aço e ferroligas, são fundamentais para o desenvolvimento e manutenção de hardware de guerra. Eles são necessários para produzir quase todos os componentes técnicos, como microchips, e são quase exclusivamente originários do exterior. Isso permite interferência deliberada em cadeias essenciais de segurança nacional.¹⁶ A América Latina agora oferece muitos dos mesmos benefícios que a China já ofereceu por meio de mão-de-obra mais acessível e regulamentações flexíveis, por isso há uma oportunidade para a infraestrutura fabril dos EUA desenvolver-se perto de casa com países cujos valores estão alinhados com os nossos. Isso reduzirá simultaneamente o monopólio da RPC e fornecerá maior poder econômico à América Latina. Muitos americanos prefeririam ver “Made in [Latin American Country]” do que “Made in China” nas mercadorias que compram.

Forças Aéreas do Sul

Os esforços militares na região devem estar alinhados em uma abordagem coerente de todo o governo. Embora o USSOUTHCOM e o AFSOUTH não desenvolvam políticas ou ações nacionais, eles as implementam e ajudam a fornecer estabilidade regional por meio do engajamento político-militar contínuo e das relações sólidas entre militares. À medida que a RPC invade o hemisfério ocidental, preocupações, história e valores transamericanos compartilhados baseados na proximidade geográfica estão em risco. É aí que o USSOUTHCOM e em particular o AFSOUTH podem fornecer inteligência e recomendações pertinentes e acionáveis para reduzir a dependência latino-americana da RPC. O AFSOUTH pode ajudar a acelerar as vendas militares estrangeiras (FMS), oferecer oportunidades mais acessíveis aos parceiros para treinamento militar e aumentar o compartilhamento de informações e a interoperabilidade militar. Em março de 2021, a Orientação Estratégica Provisória de Segurança Nacional dobrou a construção de parcerias na região como vital para a força do hemisfério ocidental. Os efeitos positivos

são multiplicados quando os esforços são combinados multilateralmente para enfrentar desafios comuns, compartilhar custos e ampliar o círculo de cooperação.

Para apoiar essa linha de empreendimento, o AFSOUTH aumentará as operações de nações parceiras, atividades e investimentos que incluem treinamento, suporte a essas nações, educação militar profissional e engajamentos de líderes-chave (*KLE - key leader engagements*). Os laços bilaterais podem ser fortificados negociando a adesão às normas internacionais, revigorando a cooperação cibernética e espacial e estabelecendo acordos de compartilhamento de informações, particularmente no espaço e nos domínios cibernéticos. A lenta e rígida desclassificação e disseminação de informações para as nações parceiras é claramente uma barreira para o apoio oportuno. A criação de uma aliança de inteligência que abrange países latino-americanos para uma disseminação mais fácil de informações sigilosas melhoraria e agilizaria a colaboração entre os EUA e seus parceiros latino-americanos. Tal comunicação melhoraria nossa capacidade de transmitir ameaças regionais e o risco global da atividade chinesa de forma mais oportuna e explícita. Através de um quadro operacional comum abrangente, os EUA e seus parceiros poderiam se comunicar, interoperar e defender nossa vizinhança da influência externa maléfica.

O USSOUTHCOM e AFSOUTH continuam a aumentar a colaboração de nações parceiras através do engajamento e cooperação de liderança sênior, operações de contingência, intercâmbio de especialistas, interoperabilidade e exercícios combinados.

Exercícios bem-sucedidos como RELAMPAGO VI, RESOLUTE SENTINEL 21, CRUZEX e PANAMAX promovem a interoperabilidade regional e fortalecem os laços nacionais.¹⁷ À medida que a NSS evolui, recursos e capacidades operacionais serão realocados, muitos para outros lugares do mundo. O AFSOUTH precisará concentrar seus recursos limitados em oportunidades-chave para otimizar sua presença em todo a AOR. Vai aproveitar oportunidades como a FIDAE 2022, a maior feira aérea e comercial da América Latina realizada bianualmente no Chile, para desafiar a influência da RPC e da Rússia e suas ofertas militares.¹⁸ O aumento das oportunidades para os parceiros latino-americanos frequentarem escolas militares americanas ou um dos melhores treinamentos do mundo na *Nellis Test and Training Range* e/ou *National & Joint Readiness Training Centers* incentivará uma melhor comunhão entre forças militares e liderança. O AFSOUTH deve agir mais rapidamente para atender às oportunidades, tornando-se mais responsivo às exigências de nossos parceiros. É criticamente de interesse nacional ter equipamentos, treinamentos e procedimentos dos EUA como padrão desejado em nossas nações parceiras.

O AFSOUTH também se esforçará para expandir e aderir à FMS na América Latina. FMS é um programa complexo do Departamento de Estado executado pela Agência de Cooperação em Segurança de Defesa, que requer aprovação e coordenação com a indústria privada. O AFSOUTH pode pressionar melhor pela obtenção de equipamentos militares recomendados ou solicitados e buscar encurtar os prazos de aprovação e entrega. Exemplos incluem aeronaves de combate e radares terrestres para uma melhor conscientização do espaço aéreo. Oportunidades cada vez mais ambiciosas incluem a exportação de variantes de sistemas mais complexos ou plataformas-base atualizáveis, como aeronaves e sistemas de mísseis terra-ar que são modulares para permitir atualizações em linha com o orçamento e necessidades das nações parceiras. Podem ser fornecidas opções acessíveis e oportunas aos nossos aliados latino-americanos para reforçar sua defesa nacional.

Finalmente, o AFSOUTH pode promover estratégias de defesa e cooperação dos EUA aproveitando suas empresas de inteligência, cibernética e espacial para identificar oportunidades de infraestrutura e colaboração, destacar atividades malignas chinesas através de KLEs e operações de informação e intencionalmente cultivar acordos de compartilhamento de vários países. Os especialistas em assuntos cibernéticos (SMEs) do AFSOUTH podem fornecer educação sobre segurança de rede para proteger a infraestrutura digital crítica da nação parceira contra a exploração do mal. Com a crescente onipresença da influência espacial em todo a AOR, o AFSOUTH deve aumentar o envolvimento na infraestrutura espacial latino-americana e programas para realizar operações e compartilhar com equivalentes de nações parceiras. Esses programas, juntamente com outras capacidades lideradas pelos EUA, promoverão a confiança através da prevenção e resposta de crises através de suportes preventivo e reativo (ou seja, assistência humanitária e alívio de desastres, alívio de COVID, apoio climático, agitação política/social ou insegurança de alimentação/água).

Para melhor permitir que esses esforços concorram na zona cinzenta, USSOUTHCOM e AFSOUTH exigem recursos adicionais. O Almirante (aposentado) James Stavridis sugeriu que o USSOUTHCOM deve praticar diplomacia médica e humanitária através do fornecimento de navios hospitalares e clínicas de transporte aéreo, resposta oportuna a desastres naturais, construção humanitária de escolas e outras infraestruturas, e operações de combate a narcóticos. Essas capacidades, argumentou o Almirante, são baratas e alcançarão efeitos superdimensionados.¹⁹ É urgente que o governo atual e o Departamento de Defesa dediquem mais recursos ao hemisfério ocidental e ao SOUTHCOM dos EUA em particular, a fim de combater a economia predatória da RPC e a exploração ilegal de recursos. Como exemplo, o Pentágono poderia dedicar mais recursos ou expandir o poder para os esforços de inteligência, vigilância e reconhecimento e monitora-

mento para ajudar melhor as nações parceiras no combate às operações de pesca ilegais, não relatadas e não regulamentadas (*IUU - illegal, unreported, and unregulated*) dentro de suas águas territoriais. O AFSOUTH poderia, então, apontar ativamente essas atividades ilícitas no espaço de informação para fornecer exemplos tangíveis que contrariam a narrativa descontrolada da RPC. Iniciativas desse tipo são formas legais para o Comando Combatente prevenir a contínua ascensão da RPC no hemisfério ocidental; no entanto, elas requerem algum investimento e priorização por Washington.

Para defender melhor o hemisfério ocidental contra a influência maligna do Estado em questão, a América Latina deve ser repriorizada para derrotar ameaças transnacionais e aumentar a estabilidade política regional. Atrasos no apoio aos parceiros se manifestarão em ganhos adversários que poderiam, em um futuro não muito distante, desenvolver-se em níveis de influência e presença da RPC que requerem maior investimento e ações militares. AFSOUTH, como componente-chave na defesa do hemisfério ocidental do SOUTHCOM, requer suporte e recursos adequados para este fim. A falta de ação poderia colocar em risco o acesso irrestrito ao Estreito de Magalhães e aumentar a vulnerabilidade de nossos ativos espaciais através do aumento da observação, rastreamento e direcionamento da RPC. A base chinesa pode apresentar ameaças muito próximas e reais. A infraestrutura, possuída e operada pela China, poderia ser usada para a coleta de informações dos EUA e de outras nações anfitriãs. Os EUA não podem perder parcerias e deixar de influenciar a América Latina por falta de ação. Estamos impedindo nosso próprio sucesso futuro, permitindo o crescimento da influência do mal em todo o hemisfério ocidental. A América Latina tornou-se um terreno fundamental para a RPC e outros adversários, ao mesmo tempo em que as alianças estratégicas se tornaram importantes. O AFSOUTH deve liderar essa luta através do aumento do treinamento, das operações no ambiente da informação, KLEs, apoio no treinamento das nações parceiras e um foco aguçado no compartilhamento de inteligência e interoperabilidade.

Cerne Ideológico Transamericano

Hoje, os parceiros latino-americanos e os EUA compartilham uma história, cultura e visão comuns para o futuro, embora nem sempre tenha sido assim. Através das Guerras Americanas de Independência no final do século XVIII e início do século XIX, que foram influenciadas pela Revolução Americana, nações independentes se formaram. O hemisfério remodelou sua mentalidade cultural depois da ruptura com o colonialismo, formando sua própria identidade única.

Embora os EUA tenham caído em alguns dos mesmos comportamentos coloniais enquanto se desenvolviam em uma potência mundial, acabaram por reco-

nhecer esses erros. Hoje, os EUA dedicam-se ao desenvolvimento de parcerias bilaterais e regionais mutuamente benéficas. O hemisfério ocidental moderno possui padrões transamericanos como respeito aos valores democráticos, segurança energética, prosperidade econômica para uma classe média em expansão, desenvolvimento de infraestrutura e melhor resiliência fiscal baseada em direitos humanos, preceitos universais de governança liberal, privacidade e bens comuns ao alcance de todos.

A transformação política da América Latina desde a década de 1990 tem sido profunda. Ela agora ostenta a maior proporção de governos democraticamente eleitos fora da Europa e da América do Norte, unindo os EUA e a América Latina através de ideais democráticos. No âmbito econômico, a América Latina desenvolveu-se a partir de uma região insular dependente, principalmente das exportações de commodities para uma região cada vez mais dinâmica integrada em escala global.²⁰ A autodeterminação e a democracia permanecem na vanguarda do pensamento político latino-americano, apesar dos recentes eventos regionais e globais que levaram a um retrocesso em vários países da América Latina.²¹ Nesse ambiente, é mais importante do que nunca que os EUA apoiem nossos parceiros por meio de iniciativas de alta qualidade e transparentes que atendam às suas necessidades e fortaleçam suas instituições democráticas.

Em suma, os EUA devem continuar a construir relações sinérgicas com nações latino-americanas que se aproveitam das semelhanças culturais, benefício mútuo e valores compartilhados. À medida que os EUA implementam uma abordagem focada em parceiros, os objetivos devem enfatizar a comunidade, o cultivo de novas relações e a revitalização das já existentes. Isso ajudará a impedir que os latino-americanos venham a optar pela China como parceira. E nisso os militares dos EUA têm um papel fundamental. Reconhecendo o maior ativo estratégico da América em suas alianças e parcerias, o AFSOUTH deve liderar, continuando seu legado de fortes parcerias regionais e acelerando o desenvolvimento de melhores operações, atividades e investimentos na AOR do USSOUTHCOM. □

Notas

1. Hillman, J., & Sacks, D. (março de 2021). *How the U.S. Should Respond to China's Belt and Road*. Council on Foreign Relations. Obtido em 21 de outubro de 2021, from <https://www.cfr.org/report/chinas-belt-and-road-implications-for-the-united-states/>.

2. Kohlmann, T. (4 de maio de 2021). *Cracks Appear in China's New Silk Road*. Deutsche Welle. Obtido em 21 de outubro de 2021, em <https://www.dw.com/en/cracks-appear-in-chinas-new-silk-road/a-57388521>.

3. Asian News International. (25 de agosto de 2021). *China debt-traps nations with confidentiality clauses: Report*. NDTV. Obtido em 21 de outubro de 2021, from <https://www.ndtv.com/world-news/china-debt-traps-nations-with-confidentiality-clauses-report-2518196>.

4. Brands, H., & Beckley, M. (24 de setembro de 2021). *China is a Declining Power—and that’s the Problem*. A China é um poder em declínio - e Isto é o Problema. Política externa. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://foreignpolicy.com/2021/09/24/china-great-power-united-states/>.

5. Toh, M. (4 de outubro de 2021). *Analysis: Foreign Investors are Losing Out in Evergrande’s Battle to Survive*. CNN. Obtido em 21 de outubro de 2021, from <https://www.cnn.com/2021/10/01/business/evergrande-debt-crisis-latest-update-intl-hnk/index.html>.

6. Loh, M. (4 de outubro de 2021). *Chinese property developer Fantasia just missed a \$206 million repayment deadline, a sign that China’s real estate woes extend beyond Evergrande*. Yahoo! Obtido em 21 de outubro de 2021, from <https://www.yahoo.com/now/chinese-property-developer-fantasia-just-025112615.html>.

7. Toh, M. (4 de outubro de 2021). *China is a Declining Power—and that’s the Problem*. Análise: Investidores estrangeiros estão perdendo na Batalha de Evergrande para Sobreviver. CNN. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.cnn.com/2021/10/01/business/evergrande-debt-crisis-latest-update-intl-hnk/index.html>.

8. Loh, M. (4 de outubro de 2021). *New China Defense Law could “justify” PLA action against U.S.-think tank*. A desenvolvedora chinesa Fantasia acabou de perder um prazo de reembolso de US\$ 206 milhões, um sinal de que os problemas imobiliários da China vão além da Evergrande. Yahoo! Recuperado em 21 de outubro de 2021, de <https://www.yahoo.com/now/chinese-property-developer-fantasia-just-025112615.html>.

9. Feng, J. (13 de janeiro de 2021). *Biden urged to focus on long-neglected Latin America as Chaos erupts*. A Nova Lei de Defesa da China poderia “justificar” a ação da PLA contra o *think tank* dos EUA. Newsweek. Obtido em 22 de outubro de 2021, a partir de <http://www.newsweek.com/new-china-defense-law-justify-pla-action-against-us-think-tank-1561146>.

10. Ching, V.C. (12 de julho de 2021). *Joining the game: China’s role in Latin America’s Investment Diversification*. Juntando-se ao jogo: o papel da China na Diversificação de Investimentos da América Latina. Centro de Política de Desenvolvimento Global. Obtido em 21 de outubro de 2021, em <https://www.bu.edu/gdp/2021/07/12/joining-the-game-chinas-role-in-latin-americas-investment-diversification/>.

11. Barrera, A., & Kincaid, J. (17 de setembro de 2021). *Mexico softens tone on possible OAS shake-up plans*. México suaviza tom em possível planos agitados da OEA. Reuters. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.reuters.com/world/americas/mexico-softens-tone-possible-oas-shake-up-plans-2021-09-17/>.

12. McKinley, P.M. (22 de abril de 2021). *The Case for a Positive U.S. Agenda with Latin America*. O caso de uma agenda positiva dos EUA com a América Latina. Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.csis.org/analysis/case-positive-us-agenda-latin-america>.

13. Choquette, S.M. (2021). *US and China in Latin America: Tenets for Strategic Competition*. EUA e China na América Latina: Princípios para a Concorrência Estratégica.

14. O Governo dos Estados Unidos. (16 de junho de 2021). *Fact sheet: President Biden and G7 Leaders Launch Build Back Better World (B3W) partnership*. Ficha técnica: Presidente Biden e líderes do G7 lançam parceria Build Back Better World (B3W). A Casa Branca. Recuperado em 21 de ou-

tubro de 2021, a partir de <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/statements-releases/2021/06/12/fact-sheet-president-biden-and-g7-leaders-launch-build-back-better-world-b3w-partnership/>.

15. Hunnicutt, T. (27 de setembro de 2021). *U.S. plans projects in Latin America countering China's Belt and Road*. Reuters. Os EUA planejam projetos na América Latina contra o Cinturão e Estrada da China. Reuters. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.reuters.com/world/americas/us-plans-projects-latin-america-countering-chinas-belt-road-2021-09-27/>.

16. Cidade, J. (12 de dezembro de 2020). *China Exploiting Supply Chain Vulnerabilities*. China explorando vulnerabilidades da cadeia de suprimentos. Nationaldefensemagazine.org. Recuperado em 13 de dezembro de 2021, de <https://www.nationaldefensemagazine.org/articles/2020/12/9/china-exploiting-supply-chain-vulnerabilities>.

17. O USSOUTHCOM. (2021). *Building Partner Capacity*. U.S. Southern Command. Capacidade de Sócio de Construção. Comando sulista dos EUA. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.southcom.mil/Lines-of-Effort/Strengthen-Partnerships/Building-Partner-Capacity/>.

18. Ellis, E. (1 de outubro de 2021). *Chinese Security Engagement in Latin America*. Engajamento de segurança chinês na América Latina. O CSIS. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.csis.org/analysis/chinese-security-engagement-latin-america>.

19. Seligman, L. (15 de julho de 2021). *Biden urged to focus on long-neglected Latin America as Chaos erupts*. Biden pediu para se concentrar na América Latina há muito negligenciada à medida que o caos entra em erupção. POLÍTICO. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.politico.com/news/2021/07/15/biden-latin-america-crisis-499752>.

20. McKinley, P.M. (22 de abril de 2021). *The case for a positive U.S. Agenda with Latin America*. O caso de uma agenda positiva dos EUA com a América Latina. Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais. Recuperado em 21 de outubro de 2021, a partir de <https://www.csis.org/analysis/case-positive-us-agenda-latin-america>.

21. Zovatto, Daniel. (28 de fevereiro de 2020). *The rapidly deteriorating quality of democracy in Latin America*. A rápida deterioração da qualidade da democracia na América Latina. The Brookings Institution. Recuperado em 2 de novembro de 2021, a partir de <https://www.brookings.edu/blog/order-from-chaos/2020/02/28/the-rapidly-deteriorating-quality-of-democracy-in-latin-america/>.



Brigadiere-General Sean Choquette, USAF

Atualmente é o Vice-Comandante da 12ª Força Aérea (AFSOUTH) de Davis-Monthan, Arizona. Brig Gen Choquette graduou-se na Academia da Força Aérea dos EUA em 1993 e foi comissionado como Segundo Tenente no Exército dos EUA. Ele é piloto de comando com mais de 2.800 horas de voo e já voou 300 horas em combate e em apoio de combate às operações *Uphold Democracy*, *Southern Watch*, *Iraque Freedom*, *Enduring Freedom* e *Inherent Resolve*. Brig Gen Choquette comandou companhia, esquadrão, grupos e asas, e serviu em cargos de estado-maior no Comando de Combate Aéreo, no Comando Central das Forças Aéreas dos EUA e na Embaixada dos EUA em Bagdá. Antes de sua posição atual, ele serviu como Chefe de Estado-Maior do Comando Central das Forças Aéreas dos EUA na Base Aérea de Al Udeid, Catar.



Aviadora Cabo Steffanie G. Urbano, USAF

Aviadora Cabo Urbano é especialista em inteligência designada para o 612o Centro de Operações Aéreas, Davis-Monthan AFB, Arizona, e atualmente trabalha como analista de pesquisa líder da *Célula Estado Ator Maligno* do AFSOUTH, onde seu trabalho centra-se no envolvimento chinês, russo e iraniano na América Latina e no Caribe e seu efeito sobre os interesses dos EUA na região. Urbano estudou Assuntos Globais e Direito Internacional no *George Mason University's Honors College*. Através de inúmeras peças publicadas, white papers, e como apresentadora de briefings, Urbano expõe o peso econômico, político e social dos atores estatais malignos na América Latina. Ela publicou “Neocolonialismo chinês na América Latina” no Volume 3, 3ª edição do *Journal of the Americas*, explorando como as atividades chinesas na América Latina e no Caribe estão seguindo esse padrão de neocolonialismo ou “imperialismo da nova era”.